

Jackson de Figueiredo

---

# O CREPUSCULO INTERIOR



TYP. REVISTA DOS TRIBUNAES  
RUA JULIO CESAR N. 55  
RIO DE JANEIRO

— 1918 —

## CARTA A NESTOR VICTOR

---

Meu bom amigo :

Como V. verá, na pagina que antecede aos meus versos, este livrinho lhe é efferecido.

Este offerecimento porém, não significa mais uma prova somente do affecto absolutamente sincero e muito grande, que lhe dedico. Escolhendo-o entre os da bôa guarda, isto é, entre aquelles que tem velado com carinho e espirito inquieto, o coração incompreensivelmente doloroso que sou, e me assombro de ser, tantos tem sido os bens que tenho recebido da vida, escolhendo-o, digo, não fiz mais do que vir recordar-lhe, agora que me sinto mais bem encaminhado, o que fui, que

sombra agitada foi aquella que V. com tanto amor acolheu, mais depressa e mais commovidamente que todos aquelles a que encontrei no espanto dos meus primeiros dias do Rio de Janeiro. E uma amizade entre homens de letras aqui no Rio, é preciso notar que tem bem mais alta significação que o mesmo facto em outra qualquer cidade do nosso paiz, pois é aqui que impulsivamente se joga, infelizmente, os destinos do nosso povo e, por conseguinte, os de todo o nosso esforço espirital.

Sei que V. conhece a minha historia em tudo vulgar, que não seja na revolta com que encaro esta mesma vulgaridade, fazendo assim do que me toca, da pouca luz que cabe a todos, um motivo para que se amontoem trevas, trevas immensas sobre minha cabeça.

Quando se me fechou em amargura, lá, no Norte, um cyclo de vida que fôra sempre atormentado, eu ainda cria na belleza das *ciudades tentaculares*. . . O Rio tentou-me como um mundo novo, e parti. Sabe V. o que foi a tormenta dos meus primeiros mezes de vida neste meio desconhecido, arrastando sobre a incerteza da minha situação, o fulgor sombrio de uma grande luta interior, o crepusculo de um dia diabolicamente poderoso, que me invadira o coração, e que só á força de matar-me em muitas illusões, consegui amortecer, e aos poucos pude mergulhar em treva bemfazeja, á luz de astros incertos, mas com a esperanza de um novo dia que, por fim, surgiu, abençoado de Deus.

Foram V. e Augusto Shaw (este, tão longe agora!) os primeiros que souberam advinhar este crepusculo e tiveram mãos suaves com que procuraram encaminhar na vida real o coração que rodava em torno de si mesmo, somnambulicamente. Depois, entre os homens de letras propriamente, o acaso foi me dando novos alentos de amizade: aqui, um Mario de Alencar que renovou o encanto da minha convivencia com Garcia Rosa e Xavier Marques; ahi Theophilo de Albuquerque, perola que se esconde no fundo de um retrahimento incomprehensivel. . . E tantos outros!

Mas a V. ainda devo duas das maiores venturas da minha vida; é a V. que devo o ter conhecido Farias Brito e Tasso da Silveira, o primeiro, aquelle a quem coube abençoar, em nome de Deus, toda a estrada que venho desde então percorrendo, dolorosa, bem sei, mas que nunca mais me deixará perdido no grande e mysterioso deserto; o segundo, flôr augusta de mocidade, ave de azas poderosas brancas, em que revejo o que houve de bom na minha adolescencia, em que descanço os minhas mais formosas esperanças.

Entre a quase velhice daquelle illuminado e a luz de que irradia esta adolescencia, eu sou unicamente um elo de sombra. . .

A Tasso da Silveira cabe, sem duvida, levar ao fim a magnifica cruzada de fé na intelligencia e no espirito, cruzada que Farias Brito, reagindo contra o materialismo moderno, levantou ha mais de vinte annos, á frente dos seus proprios ideaes

e soffrimentos. . . . E quem foi, meu bom amigo, que preparou o espirito de Tasso da Silveira para a comprehensão destas verdades por que deverá crucificar-se em tormento sem fim e gloria puramente ideal?

E' assim V. uma creatura tão ligada a tudo quanto tem feito a força da minha fé, que quasi sinto necessidade de lhe dar satisfação do quanto faço ou tento fazer.

Ora estes versos que ousou enfeixar na forma mais duradoura do livro, são a photographia fidelissima da grande crise que me assoberbou desde os meus ultimos dias no Norte até o raiar do dia novo, a cuja luz vou vivendo. Será injustificavel que os tire do esquecimento em que jazem? Eis o que V. me dirá. Mas, em verdade, eu já disse uma vez que ha um tom de confissão em tudo que escrevo, e assim estes versos não fazem solução de continuidade na minha vida intellectual. Dirão que é triste e talvez ridicula a mania. . . Mas que somos todos, senão tristes e ridiculos? Tristes porque filhos desta immensa tristeza que é a vida em si mesma, ridiculos porque o que melhor vemos somos nós mesmos e assim parecemos sempre maiores do que na realidade somos. . . Mas como esquecer a vida que é triste, e nós mesmos tristes e ridiculos? Impossivel !

Meus versos, maximé estes que ahí vão, não teem nenhuma pretensão a glorias artisticas. O que nelles confesso não é o amor á Belleza, e se as confissões destas maguas, se as confissões destas duvidas e destas esperanças de fé, não mais

viva, porém mais segura, assim me sahiram da alma, em verso descuidado e rima pobre, foi que o espirito agoniado procurou, no engano do rithmo exterior, rithmar as forças que o abalavam.

Nada mais.

A Arte, como a comprehendo e sinto hoje em dia, não pôde ser a unica força real do espirito que não tenha finalidade de ordem moral. A Arte deve ser a evangelhisadora por excellencia, aquella linguagem simples e inflammada que diga da caridade que salva e da amargura de viver o que as systematisações gloriosas já conseguiram conquistar no terreno da verdade moral mais alta, isto é da verdade religiosa, que é assim que a chamo. Pensando deste modo confesso que estes meus versos não são para mim uma realisação de verdadeira Arte. Elles são porem um bom exemplo -- é quanto espero que possam valer—pois mostram aos indicisos, aos vacillantes, aos amargurados e aos scepticos, que ainda reagem, que um homem houve que já soffreu todas estas dôres e hallucinações e que, no emtanto, não contente ainda de si mesmo, é bem verdade, já hoje se sente senhor do proprio destino, porque o illumina a luz daquella sabedoria que lhe diz não ser miseria a extrema humildade, nem o soffrimento mal que diminua.

Duvidar é, de certo modo, principiar a ter crenças mais altas que as tristes crenças de que se contenta o commum dos pequeninos sabios, prenhes de si mesmo. Ninguem esmoreça se vê deante do seu desejo de perfeição os abysmos que

a duvida vae abrindo... Firme em si proprio, observando a rigor a sinceridade, é caminhar sempre — o fim ha de ser Deus, por força, e o amor ha de brotar milagrosamente no coração.

Eis o que quero dizer aos meus irmãos, áquelles que se sentem presa do infortunio e talvez já estejam sob a ventura infinita da graça.

V., meu caro Nestor, julgue se tenho razão.

*Jackson de Figueiredo*

Rio—1º—1918.

A Nestor Victor



74 — Os que te temem me verão e se alegrarão ; porque puz toda a minha esperança nas tuas palavras.

75 — Tenho conhecido, Senhor, que os teus juízos são de equidade ; e na tua verdade me humilhaste.

76 — Seja a tua misericórdia para consolar-me, segundo a palavra que deste ao teu servo.

Psalmos, CXVIII

8 — Não te alegres, inimiga minha, a meu respeito, por eu ter cahido ; eu me tornarei a levantar ; depois de ter estado assentado nas trevas, o Senhor é a minha luz.

Miqueás, VII

Que combate mais rude que o de quem procura vencer-se a si mesmo ?

Imitação — L. 3 cap. III

Não tenhas medo do soffrimento,  
Elle é a escada do Paraíso.

Auta de Souza — «Horto»

## ORAÇÃO À TARDE

Para Alfredo Cabral

Oh! Tarde mansa e augusta, se eu pudesse  
Casar minha alma com tua alma!  
Ser bom como tu és e, calmamente,  
Adormecer contigo!  
Quando tu beijas com teu beijo puro  
A natureza triste e, desolada,  
Ou qualquer trecho ardente e delirante,  
Em tudo transparece e se desdobra  
A tua santa paz religiosa!  
Ter, como tens, a piedade excelsa,  
Ser, como és, a virgem caridosa,  
A doce irmã que espalha em toda parte  
O bom conselho da resignação...  
E entanto tens á mostra as tuas dores  
O teu pranto que choras no Poente!...  
Que a fronte onde o ideal roçou de leve  
Conhece o orvalho tepido das lagrimas...  
Mas não quizeste o grito e o desespero,  
A revolta impotente e miseravel,  
Antes o gesto nobre da desgraça,  
O orgulho silencioso!...  
E's clara e bôa e no teu grande seio,  
Nem o fogo terrivel das paixões,  
Nem a negrura da total renuncia...

Tens a serenidade, a dor bebida  
Com alegria suprema dos Eleitos !  
Sabes que o Mal eterno só é vencido  
Com a força da bondade que perdôa . . .  
Que a Morte é inevitavel, soberana,  
E só perde o terror que a tudo inspira,  
Ante os que a vivem todos os momentos !  
Sabes pensar no soffrimento, e delle  
Tirar o santo oleo com que o trataes.  
A's cousas más, aos pantanos, ás pedras,  
A' dureza dos picos e á negrura  
Dos abysmos profundos como a Morte,  
Sabes, abençoando, perdoar . . .  
Tens nos teus labios as palavras santas  
De Jesus Christo quando no madeiro  
Fez o maior de todos os milagres . . .  
«Perdoai-lhes meu Pae, elles não sabem  
O que fazem» tu dizes, tambem ouço,  
Ao poder immortal da Natureza !  
E tudo se illumina de repente,  
Tudo reflecte a tua claridade,  
Tua alma soffredora e generosa,  
Que soube ir mesmo além do que é Justiça !  
Ser como és, sabia e resignada,  
Conhecer todo o Mal e não temel-o,  
E combatel-o com fortalecer-me . . .  
Oh ! minha aspiração de incontentado,  
Meu supremo desejo de infeliz !  
Oh ! Tarde mansa e augusta, se eu pudesse  
Adormecer contigo !

Ermo, 23-1-1912

## A MINHA MÃE

Depois de ler a Imitação de Christo,  
Consolo do que a tudo renuncia,  
Penso em ti, minha Mãe. e então resisto  
A' tentação divina que me espia...

Ha bondades aqui mesmo onde existo  
Neste inferno da terra, ingrata e fria...  
O céu? tão longe o céu! que não insisto...  
Com que virtudes me suspenderia?

Na terra a ti te tenho, oh! Mãe bondosa,  
Tal como sou me queres, triste e inquieto,  
Alma de vagabundo, alma ociosa. . .

Faze com que meu Pae dê-me um sorriso  
Beijos minhas irmãs, e está completo,  
Dentro de teu amor, meu paraíso.

## SEDE

Ancia de amar, ancia de amar, e amado  
Ser tambem, ser bondoso e achar bondade...  
E indifferente o mundo! e eu desterrado  
Neste deserto a que loucura invade...

Olhos ricos! E o pobre, o esfomeado  
Vae, pede a esmola... Usae de caridade!  
Mas distrahidos vão para outro lado  
No desejo de mais felicidade...

Um dia hei de vencer este misterio  
Viajarei, como quem vaç sonhando,  
Num caixão negro para o cemiterio...

Na terra fria o coração já morto  
Terá o que talvez ande buscando...  
Meu Deus como desvaira o desconforto!

## SELVA OBSCURA

Minha alegria é um fundo de tristeza,  
De tristeza serena . . . é a harmonia  
De todos os meus ais, nesta certeza  
Que só elles me dão sabedoria.

Quando entristeço em frente da Belleza  
O coração me pesa de alegria . . .  
Como é misteriosa a correnteza  
Oh! pobre filho da melancolia! . . .



Ser alegre ! Ser triste ! Quem me dera  
Ser alegre ou ser triste ! Mas a vida  
Nas estradas reaes não nos espera...

E nós andamos pela «selva obscura»,  
Sabios e heroes sem fé, a alma perdida,  
Na alegria sem força ou dor impura...

## NADA

Nada! nem uma sombra de carinho!  
Desolação completa no meu horto!  
E vejo até á beira do caminho  
Mais um fantasma triste, um sonho morto.

E porque sigo, misero e mesquinho,  
Nauta sem rumo, que esquecido porto  
Me abrigará o orgulho já visinho  
Da loucura? Meu Deus! o desconforto!

È tu porque não vês a creatura  
Que se debate na algida agonia  
Se ella no soffrimento te procura ?

Nós te esquecemos quando na alegria...  
Tu não nos vês se entregues á amargura...  
... E eis porque nasce a duvida sombria...

## SOLIDÃO

Fechado em mim, na solidão medonha  
De quem ama mas viu que é desamado,  
Vejo a vida com os olhos de quem sonha  
E até no sonho teme-se acordado.

Deus, que me deste esta visão tristonha,  
Jesus que por mim foste maltrado,  
Dá-me força e vigor com que me oponha  
A's tentações do amor e do peccado.

Sou um pobre infeliz que se debate  
Entre desejos mil e sonhos vãos  
E em balde escuto um mystico rebate...

A' luz do sol eu sou um ser de sombra...  
Ah! quem me dera a placidez dos lagos  
Mortos em vida, mas a morte assombra!...

## RAZÃO PURA

Nas garras do destino, sobre o abysmo,  
Dado ao sabor das loucas ventanias,  
Serei bandeira branca de altruismo  
Ou bandeira de guerra e rebeldias ?

Ouçó longe os rebates do heroismo  
E sinto ao som das notas erradias  
— Como tocadas de somnambulismo  
Levantarem-se as minhas energias.

Mas vejo além de tudo, no infinito,  
O bem e o mal juntarem-se, fundidos,  
E as minhas ilusões morrem num grito...

.....  
.....

E' quanto alcança o olhar da razão pura,  
De todo entregue á furia dos sentidos  
Sob as azas ardentes da loucura!

## QUE DESEJAS AQUI?

Alma immortal! oh! alma, alma divina!  
Alma que és o meu ser na Divindade,  
Porque vieste oh! triste peregrina  
Affrontar o caminhos da maldade?

Que destino cruel, que dura sina  
Te emprestou estas azas de anciedade?  
Se és luz e a luz divina te fascina  
Faz destas azas gloria e liberdade.



Este mundo não é o teu se és como sinto,  
E as azas que te deram, já cançadas,  
Te embaraçam no escuro labyrintho. . .

Que desejas aqui, qual o segredo  
Que procuras nas ínfimas estradas  
Deste fatal, deste infeliz degredo?

## DESOLAÇÃO

Creio como o philosopho que ha vida  
em tudo que se agita dentro d'alma,  
pois tambem sinto dentro d'alma a morte...

Vejo a maré de fel, de ondas bravias,  
com seus braços titanicos, suspensos  
para a nudez sem par do firmamento...  
Sinto a fé, os levantes da esperança,  
e mais nas praias do viver humilde,  
longe do sonho, o embate de outras ondas  
procurando a harmonia mansa e grave,  
de uma vida de paz quotidiana...  
Ouço o rumor das ondas vagarosas,  
melancolicas ondas de humildade...

Mas também sinto a queda repentina  
deste levantamento de ousadia  
ou de esperança humilima e rasteira...  
Sinto o mar morto, o desfalecimento  
de todo anseio, a quietação das águas,  
a renúncia total, e o só desejo  
negativo, infeliz, incompreendido,  
de assim parado sob o sol ardente  
da desgraça infalível e tremenda,  
do sem remédio que circunda as vidas,  
ir morrendo, sumindo-me, extinguindo-me,  
ser pestilencial, enfim ser lama,  
e mais tarde mostrar ao viandante  
a terra secca, retorcida e aberta  
em chagas de negror horripilante,  
terra maninha onde ficou gravada  
a dura pata dos terríveis monstros  
do ciúme, do amor, dúvida e tédio...

Morrem então os tristes horizontes  
na cinza de um crepúsculo avançado...  
E' quase noite já, e em roda a terra  
faz-se a visão final de um moribundo...

## ARREPENDIMENTO

Ha n'alma humana, às vezes, a sombria  
Placidez da agua morta, a agua encharcada  
Em terra podre, agua lodosa e fria  
E onde erra a luz do sol desconfiada.

A estas almas assim, quem nas espia,  
E ahi revê, no pantano espelhada,  
Sua humana feição que se revia  
Na perfeição humana desejada,

Fica subito olhando-as despiedoso  
E atira pedras sobre a face calma  
Do negro abysmo placido, asqueroso...

Mas quem sacode a pedra sente a magua  
De ver tremer tambem, ferida, na agua  
A imagem aggressiva de sua alma.

## NO CARCERE

A Alcides Maya

Vives á sombra, espirito lascivo,  
Mas escuto os teus uivos tormentosos,  
E, mais que tu de mim, de ti eu vivo  
Com temores e mêdos dolorosos.

E's meu captivo, mas sou teu captivo,  
Que, se le trago em ferros affrontosos,  
Trazes-me attento ao pé de ti, que, allivo,  
Me injurias com os labios esponjosos.

Assim, na luta insana, eu te persigo,  
Mas tu me roubas toda a liberdade  
Oh! meu cruel e unico inimigo...

Mas é fatal : hei de vencer-te um dia!  
E has de morrer no carcere de que ha de  
Sahir minh'alma que te desafia!...

## COMPARA

Volta para ti mesmo o olhar piedoso.  
Tem piedade de ti, como tens tido  
De tanta gente. oh! pobre, oh! desditoso  
Coração de si mesmo perseguido.

Como que existe um desgraçado goso  
Nos males que procuras insoffrido,  
Desconfias de ti, não tens repouso,  
Que crime poderás ter commettido?



A virtude dos outro, sucomo a tua .  
Tambem tem falhas ; pelo mundo afóra  
Só a apparencia ao nosso olhar fluctua . . .

Deus bem sabe que és bom ; vive e confia.  
Tambem tem prantos o nascer da aurora  
Tu nasces para a Fé, e has de ser dia!

## ORAÇÃO DO MEU NATALÍCIO

Ando esquecido oh ! Mãe, oh ! Natureza  
Dos thezouros que tens dentro em teu seio,  
Sei que em ti vive a mystica belleza  
De paysagem e do céu porque anceo.  
Esqueço os rios e as arvores frondosas  
E o oceano saudoso e atormentado,  
Ando esquecido de adorar as rosas,  
Ando como quem anda desvairado  
Buscando ver as almas dolorosas  
Deste immenso «deserto povoado» . . .

Ah ! como me atormenta e me amargura  
O mysterio do homem decahido,  
Do ser humano que curvado atura  
O peso deste mar de fel, nascido  
Do pensamento que, se transfigura,  
Só promette victoria ao já vencido...

Ando buscando a chave misteriosa,  
O segredo da nossa desventura,  
O porque da illusão sempre formosa,  
O porque do real que nos tortura,  
E o porque a illusão é vaporosa  
E a realidade é que perdura.

Quero que se me diga onde a verdade,  
Se mais vale sonhar, se sonha o crente,  
Se se arrastar na triste immensidade  
Palmo a palmo, sem nunca olhar em frente...  
Se o sonho não será a realidade  
E o que vemos miragem que nos mente.

Se este presentimento que nos vale  
Como esperança ou fé numa outra vida,  
Em meio deste escuro e odioso vale,  
Não será mesmo a unica sahida...  
Quero que a voz de Deus, piedosa fale  
E me cure da duvida insolfrida.

Hei de morrer lutando com o mysterio?  
Eu que é que sou? e tu oh! Natureza?  
Se da necessidade aqui é o imperio  
Vejo o dever curvar minha fraqueza,  
Falar-me como de outro alto hemispherio  
De liberdade e de ideal belleza!

Oh! Deus eu creio em tí, na immensidade  
Do bem que é tua força soberana,  
Creio numa real felicidade,  
Que a esperança do céu não nos engana...  
Vives na nossa misera anciedade?  
E esta anciedade mesma de onde emana?

A terra é exílio d'alma peccadora  
Mas a alma tem de ti a essência pura,  
É esta essência que em nós profunda chora  
É sente a imperfeição que nos tortura...  
A dor é nossa estrada salvadora  
Jesus Christo o ideal que em nós fulgura.

Em cada ser humano desgraçado  
Jesus a ancia do bem fecunda e agita...  
A dor é um mar sombrio, atormentado,  
Mas a alma do mar ao fundo fundo habita.  
Até no mal o bem anda velado  
É o erro vem também da ancia infinita.

Meu Deus! por onde andei que deslumbrado  
Venho por que ti vi e és invisível?  
Meu pensamento é um anjo acorrentado  
Que o céu revê longínquo e impossível...  
O destino sorri se ouve o meu brado  
É continua imóvel e impassível.



## ANIMA VAGULA

Eu afinal conheço os meus peccados,  
As dores que me doem duplamente,  
Que as outras são espiritos sagrados  
Velando a minha fé de alma doente

Mas soffrimentos ha multiplicados...  
Vergonha e dor! Ai! do infeliz que os sente...  
Oh! males da vaidade requintados!  
Vaidade! unica dor que é impura e mente..

È tenho tanta ! Inda desejo tanto !  
Pequeninos desejos vagabundos, ·  
Prazeres logo mortos no meu pranto . . .

Mas tenho fé, minh' alma que inda espia,  
Ha de sondar abysmos tão profundos  
Que será pura como a luz do dia ! . . .

## A PAIXÃO

Quando ella vem e estende-me os seus braços  
E promette-me o céu, da propria vida  
O sentido, a razão, meus membros lassos  
Sentem horror da estrada percorrida. . .

Sentem a dor de todos os canções,  
E o coração tomado de investida  
Escuta a voz do amor pelos espaços  
E se ajoelha ante a visão querida!



Mas minh'alma somente em Deus confia...  
Já soffreu tanto! debateu-se tanto!  
Tem tão vivas as chagas da ironia...

Que se arma e vae... e á fé em que se inspira  
Afoga o coração no proprio pranto,  
Mas junto ao morto coração delira...

## SAUDADE

Nem mais uma palavra de saudade!  
Nem um gemido mais, meu coração!  
Faze do sofrimento — heroicidade,  
Morre na luta ou vence a tentação.

Se és do destino um alvo á claridade,  
Ama o deserto, a noite, a escuridão.  
Odeia o sonho da felicidade,  
Aprofunda a amargura e a solidão.

Assim será melhor ; nenhum engano...  
Tu serás o heroe da desventura .  
E conscientemente deshumano...

Deshumano contigo tão somente,  
Que has de sorrir ao mundo com ternura  
E has de vencel-o, coração valente !

## REVOLTA

A meu irmão Rubens

Quantos no mundo estão morrendo agora,  
Nesta cidade mesmo. aqui pertinho?  
Quantos não verão mais a luz da aurora  
E tombaram sem forças no caminho?

Perderam tudo, quantos, a esta hora?  
Tu nem tens que perder, meu pobresinho...  
Sim! neste instante, quanta gente chora?  
E eu, neste quarto, porque assim definho?

Preciso agir... é lá por fóra o mundo...  
Suspenderei o braço do assassino,  
Darei roupa e comida ao vagabundo.

Mas morre ahi o esforço... vão tormento!  
Oh! vida triste, oh! misero destino  
De quem se deu de todo ao pensamento!...

?

Quando reflecto sobre a minha vida  
É vejo-a cheia de arrependimentos,  
É sondo a minha tetrica ferida . . .  
Desejos de não ser, desprendimentos,

Ancias de me calar, de achar guarida  
Do nada nos sombrios mandamentos . . .  
Os meus nojos de tudo, a arremettida  
Contra sciencias, e conhecimentos . . .

Ironias ao mundo, odios, rancores . . .  
Quem sabe, digo, se isto tudo acaso  
Não são desejos frustos, dissabores,

De quem ama também o torvelinho,  
E assim se afunda num cinzento ocaso  
Porque cahiu sem forças no caminho?

## ARVORE TRISTE

A Mello Moraes Filho

Nem uma folha só, árvore triste,  
Soberbamente, soberanamente,  
A tu'alma tristíssima resistê  
Aos rigores da chuva e ao sol ardente.

Ninguém mais do que tu sosinho existe...  
Nem rumor, nem verdor... cinza somente  
Conquistaste no olvido em que cahiste,  
E a gloria de viver tão pobremente.



Não tens mais illusões, não tens mais sonhos,  
Olhas somente o céu escurecido  
Quando te abalam vendavaes medonhos...

Que o céu, mesmo trevoso, ainda allumia  
Os que sabem soffrer sem um gemido  
Quase divinos de melancolia.

## SERENIDADE VÃ

Reparo : em derredor crime e desgraça,  
Loucura, fome, raiva, desalento. . .  
E' isto a vida, o turbilhão que passa  
E se reflecte no meu pensamento.

Vezes porem á dor que me traspassa  
Encaro frio, desdenhoso encontro. . .  
Outros soffrem bem mais ! E a razão traça  
Linhas, comparações com que me alento.

Mas isto que será? Onde a bondade,  
O amor e a fé, se a dor que me rodeia  
Me empresta uma tão vã serenidade?!

Alma, tu que és divina e desgraçada,  
Faze mais nobre o coração que aneia  
Pela Jerusalem reconquistada!

## ESPERANÇA MAIOR

A Felix Pacheco

Espirito subtil do desalento  
Horas inteiras porque assim me fitas ?  
Eu sei que após o esforço — é o esquecimento,  
E que todas as glorias são malditas.

Nada me has de dizer, do que meditas,  
Que seja novo para o meu tormento,  
Eu sei destas estradas infinitas  
E o inutil caminhar do pensamento.

Mas si o caminho é sempre assim, vasio,  
Sem arvore, sem sombra, de agua pura,  
Nem sempre a luta é um simples desvario...

A jornada é cruel, mas na jornada  
Faz-se bondade a nossa desventura  
E encontramos em nós o fim da estrada.

## O FACTO

Porque dizer que ás vezes não duvido  
Deste elogio á dor e ao soffrimento?  
Não será isto o engano do vencido?  
A ultima illusão do pensamento?

E quantas vezes não me fico attento  
Ouvindo a voz do coração descrido:  
— Escuta! morrerás de desalento  
E és triste porque és um corrompido.

A estrada larga é alem do precipicio...  
Vaidosamente tu te abeiras delle  
E amas a dor como se ama um vicio...

Mas esta voz se cala, e novamente  
Alguma cousa para a dor me impelle...  
E isto será divino ou inconsciente?

## LEMMA

A Camillo Paoliello

Procuro divisar na nevoa densa.  
Onde estou? Onde estamos, desgraçados?  
É caminhar até que o mal nos vença,  
Ou devemos ficar logo parados?

Esta planície deve ser imensa...  
Já de tão longe vimos açoitados  
Pelos ventos da morte e da descrença  
Que ninguém sabe os séculos passados...



Mas infinita não será por certo,  
E alguma coisa fala dentro em mim :  
Vamos ! Conquistador ! Vence o deserto . . .

Oh ! voz de Deus, a ti somente attendo,  
E has de ver, se eu cahir, vencido enfim,  
Que hei de morrer, ao menos, combatendo . . . j

## SILENCIO

A Gregorio da Fonseca

Nestas horas assim, eu separado  
Dos homens todos, como amo a vida!  
Ouço, longinquo, o som meio apagado  
Da sua correria enfurecida!

Meu coração se faz altar sagrado,  
Em frente de uma terra promettida,  
E o proprio soffrimento é suavizado,  
E' sacrificio, e é paz a dor soffrida!

Oh! silencio que salvas a minh'alma,  
A harmonia da vida só se escuta  
Na tua mansa cathedral de calma!

Meus irmãos que entre a nevoa agora avisto,  
Oh! meus irmãos fugi da aspera luta,  
Vinde ao templo, adorae, filhos do Christo!

## A APOSTA

Meus amigos, oh! tristes companheiros  
Não vos julgueis uns imaginadores...  
Nossos dias são dias derradeiros,  
Fitemos astros, esquecendo as flores...

Deus bem sabe : nós somos verdadeiros.  
E são filhas do amor as nossas dores !  
Somos na terra um bando de sineiros  
Dando o alarma : acordae oh ! sonhadores !

Sim, sonhadores, que não temem fados,  
Os destinos, a morte mysteriosa,  
Em quanto nós velamos assombrados...

A nossa voz somente a Deus responde !  
Christo disse que a estrada é Dolorosa,  
Vamos ! é por aqui, que importa aonde ?...

## MADRUGADA TRISTE

Oh! triste bonde da madrugada  
(Eu só, no bonde, triste medito)  
A tua voz longa e arrastada  
Fala-me como do infinito...  
Aquelles astros, vivos, brilhando  
Que estarão elles de ti pensando?  
Vêem-te os flancos illuminados  
Mas és um verme de côr escura...  
Tens a tristeza nos teus costados...  
Do negro fio — quem vê da altura?  
Tiras faiscas de quando em quando  
Como se andasses tudo ameaçando...

Os astros seguem-te sorrindo  
Vêm-te os flancos illuminados,  
E vendo os raios que andas brandindo  
Só te comparam com os namorados,  
Triste apparencia, ameaçadores,  
E o coração aberto em flores.  
Oh! triste bonde da madrugada!  
Vê como os astros sabem julgar.  
Minha carcassa desengonçada  
Pela tristeza que ando a penar,  
Comsigo leva todo o fulgor  
A luz intensa de um grande amor!  
E tu, que dizes, voz arrastada?  
Oh! bonde triste da madrugada!

## FÉ

Desabrigado o espirito clamava  
Quem virá me ajudar nesta jornada ?  
Tudo tentei e em toda parte achava  
Fantasmas sem valor, irmãos do nada

Sou pobre e triste! — o coração chorava —  
Eu quero um seio, carinhosa amada,  
Tudo busquei, pedia e supplicava  
E em tudo uma ironia disfarçada. . .



A Sciencia mostrou-me a lagea fria . . .  
Amei a força bruta e esta escondia ·  
A fraqueza de tudo que é terreno . . .

Então ouvi a voz de Deus, na altura:  
— *Olha a teu lado a Fê!* — E a desventura  
Fez-se me aspiração, e estou sereno.

## A NOVA LUZ

Adoro a estrella que no céu profundo  
Esconde os raios de um fulgor divino.  
E disfarço, entre as lastimas do mundo,  
Minha dor, meu amor, meu desatino.

Outros dirão tristissimo, infecundo  
Este sonho de um pobre peregrino,  
Mas se sou triste, inquieto, vagabundo,\*  
Puz no céu, entre nuvens, meu destino.

Porque, na terra, se o troxesse um dia,  
Deixal-o-ia só, n'alguma estrada,  
No espanto de uma queda ou correria...

E assim posso transpor montes e rios  
Que minh'alma, no alto, anda encantada,  
Isenta dos seus propios desvarios.